



## 27 JUNHO, SEXTA

## A DECORRER

## UMA MALDIÇÃO QUE ME CORRE NO SANGUE

TEATRO > ESPETÁCULOS  
26 a 29 jun/14FESTA DE ANOS NO TEATRO  
CRIANÇAS > FESTAS DE ANIVERSÁRIOLISBOA MISTURA  
Festas de Lisboa'14  
MÚSICA > ESPETÁCULOS  
19 a 28 jun/14

## PAULO BRIGHENTI

Pó  
ARTES > EXPOSIÇÕES > DESENHO  
6 fev a 27 dez/14ZOOM - UMA PLANTA TRÊS  
OLHARES  
CIÊNCIA  
Até 29 jun/14

CINEMA

ARTES

CIÊNCIA

CRIANÇAS

DANÇA

FEIRAS

MÚSICA

TEATRO

VISITAS GUIADAS

LITERATURA

AR LIVRE

JUNHO

S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

ENTREVISTA A ADRIANA QUEIROZ  
'Kurt Weil' estreia no São Luiz

Adriana Queiroz, bailarina de formação e vocação, apresenta-se no Teatro São Luiz não para dançar, mas para cantar. As récitas decorrem a 3, 4 e 5 de julho, e viajam pelo período alemão, francês e americano de Kurt Weil. O seu objetivo, di-lo com orgulho, é criar emoção nas pessoas, porque "mais do que dar espetáculos, os artistas têm obrigação de acordar as pessoas e fazê-las sentir".

**Começou a dançar com 3 anos, estudou dança em Paris, foi primeira-bailarina no Ballet Gulbenkian. Sempre soube que o seu futuro passava pela dança?**

Comecei, de facto, muito nova, e pisei um palco pela primeira vez com 6 anos, o do Teatro Nacional de São Carlos. Os meus pais eram artistas, e por isso queriam que tivesse uma formação em música e dança. Aos 5 anos, pedia à minha mãe para ter aulas de ballet todos os dias, o que não é normal numa criança... Não tinha ainda noção de que queria ser bailarina, mas fazia-me sentido dançar todos os dias, como se fosse a minha hora e meia de brincadeira, de prazer extremo. Só por volta dos 14 anos é que me apercebi do que queria ser, quando fui ver a *Carmina Burana*, pela Companhia de Nacional de Bailado. Lembro-me de ter começado a chorar de emoção e de ter pensado "tenho que fazer isto. Isto sou eu". Ainda hoje me considero bailarina. Apesar de ter tido um acidente e de já não poder dançar, essa é a minha forma de comunicação por excelência. O canto, o teatro, tudo isso vem como um acrescento àquilo que eu era. Neste momento, o canto está a tornar-se a minha primeira voz.

**Antes de ir para França, aos 17 anos, disseram-lhe que nunca seria bailarina em Portugal. Ser confrontada com um 'não', quando sabia exatamente que era aquilo que queria fazer, deu-lhe mais motivação para continuar?**

Funciono muito bem na raiva, sempre fui assim. O 'não', o desafio, dá-me uma força extrema, e leva-me por vezes a sítios de extremo cansaço físico e mental. Hoje, com a idade e a maturidade, já estou mais serena, embora continue a ser uma bola de energia. Essa situação aconteceu na escola da Companhia Nacional de Bailado, onde me disseram que era muito gorda e que nunca seria bailarina em Portugal. Um ano depois fui contratada pela mesma pessoa que me disse aquilo. Se há coisa que os artistas têm obrigação de fazer, é de tocar as pessoas, e eu sei que tenho esse dom. Não o utilizar seria um desperdício para mim mesma. As pessoas precisam de voltar a sentir e os artistas têm obrigação, mais do que dar espetáculos, de ensinar as pessoas a chorar, a rir, a ligarem-se aos sentidos primários. A sociedade entorpeceu-nos. Vivemos num momento muito perigoso, sob uma diadura invisível. Estupidificaram-nos. Os artistas têm por obrigação acordar as pessoas e fazê-las sentir.

**É filha dos cantores Mimi Gaspar e Tomé de Barros Queiroz e tem alguns cantores líricos na família, mas foi na dança que sempre se movimentou...**

Nunca quis ser cantora porque não queria ser comparada aos meus pais. A minha mãe tem o curso de dança do Conservatório mas nunca foi bailarina porque, devido a algumas circunstâncias, não fez os exames finais do curso. Os filhos também têm que concretizar os sonhos dos pais, e eu fiz aquilo que a minha mãe não teve tempo para fazer.

*Em 2012 lançou o seu primeiro trabalho discográfico, ARIADNE, com direção musical de Pedro Jóia. Finalmente estava quebrada essa negação de infância...*

Procurar

RSS

TWITTER

FACEBOOK

AGENDA CULTURAL LISBOA

EM PAPEL

LOCAIS DE DISTRIBUIÇÃO



O Pedro sempre me viu como bailarina, e um dia viu um concerto meu e ficou estupefacto. Até ali nunca tinha experimentado cantar, não tinha noção da voz que tinha, e ainda hoje não tenho. A dança ocupou a minha vida toda, nunca houve outra preocupação. O meu percurso no Ballet Gulbenkian foi dos mais felizes da minha vida artística. Saí da Gulbenkian porque queria fazer Teatro, porque a 'palavra' me fascinava, também por intermédio de outro amigo meu, o João Grosso, que me ensinou a amar a 'palavra'. Nessa altura comecei a ter aulas de voz, não para ser cantora, mas para a saber utilizar. Achei que precisava de trabalhar este músculo que não conhecia. Não sou uma cantora natural, trabalhei e trabalho para ter a voz que tenho.

**Em 2002 fundou o Centro de Artes de Lisboa (CAL) e foi professora no Chapitô e na ETIC. Isso prende-se com a necessidade de partilhar conhecimento?**

Tenho necessidade de partilhar conhecimento com os outros, mas não tanto pelo lado da docência. Ter sido professora no Chapitô e na ETIC foi um acaso. O trabalho pedagógico de que mais gosto é o de assistente de encenação, ou seja, trabalhar o corpo dos atores para determinada personagem. Como professora, tenho alguma dificuldade em entrar na rotina. Só sei viver com missões e paixões, e quando isso se quebra e se torna rotineiro fico muito aflita porque não sei dar aulas assim, não fui formada para isso. Só sei estar apaixonada e transmitir essa paixão. Despedi-me da Companhia Olga Roriz para me dedicar ao CAL. O projeto foi criado só para profissionais, não estava aberto ao público. Na altura, o Ricardo Pais disse-me que estava a abrir o espaço dez anos antes do tempo. O CAL foi à falência, foi uma grande tristeza que tive, mas ele tinha razão. Agora sim, há escolas por todo o lado. Os atores perceberam que precisam de estudar. O mundo artístico é muito específico, as pessoas precisam de tranquilidade para errar, para fazer figuras ridículas, para se testarem... Dez anos depois, há uma proliferação de escolas de todo o género... Houve uma mentalidade que mudou ao longo destes anos.

**Em 2014, regressa ao São Luiz para apresentar Kurt Weil, com a participação da Orquestra Concerto Moderno e direção de César Viana. Como surgiu este projeto?**

Surgiu há um ano e tal, quando o maestro César Viana me perguntou se eu não queria fazer este espetáculo. Para além do fascínio por Kurt Weil, sempre me fascinou cantar com uma orquestra, estar rodeada de músicos, naquele ambiente único e irrepetível. Kurt Weil é apaixonado, especialmente no seu trabalho mais teatral. Fascina-me porque ele fez canções para toda a gente. Qualquer pessoa se consegue apropriar de uma canção dele, porque são muito bem estruturadas, são melodicamente muito bonitas. Foi perseguido por ser comunista e recomeçou sempre do zero. Foi buscar o que havia de bom em cada país, tomou-se um francês em França e um americano nos Estados Unidos. Em vez de cruzar os braços por ser perseguido e ter visto toda a sua obra queimada, recomeçou, indo buscar o lado cultural de cada sítio onde esteve. Neste momento de crise, recomeçar, não cruzar os braços, é urgente. É essa lição que eu gostava de retirar de Weil. Espero conseguir emocionar o público de uma forma pura, as pessoas precisam de sentir, de chorar e rir para reagirem.

**O espetáculo tem uma forte componente cénica, com figurinos de José António Tenente. Como nasceu essa parceria?**

Colaborei com o Tenente desde a Gulbenkian, conheço-o há mais de 20 anos. Weil tem três períodos: o alemão, o francês e o americano. Cada um destes períodos corresponde a uma época. Fazia sentido que o espetáculo evoluísse dentro dessas décadas. Uma vez que não podemos ter cenários grandiosos, pareceu-me que o Tenente teria tudo a ver com estas épocas e com este *glamour*. Ele tem uma coleção que viaja um bocadinho pelos anos 20, 30, e por tudo isto achei que ele seria a pessoa certa para me vestir. Não a mim, Adriana, mas a mulher dos anos 20, 30 e 40.

[Por Filipa Santos; fotografias de Francisco Levita]

0

## RELACIONADO

### ADRIANA QUEIROZ

**KW**  
MÚSICA > ESPETÁCULOS  
3 a 5 jul/14

**São Luiz Teatro Municipal**  
Rua António Maria Cardoso, 38  
1200-027 Lisboa